



CONHECIMENTO SOBRE DSTs, MÉTODOS DE PREVENÇÃO E DROGAS DE ABUSO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE CANDÓI-PR

Emerson José de Melo¹

Dani Luce Doro da Silva²

Kelly Mari Pires de Oliveira²

RESUMO: As doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) são prevalentes na adolescência e facilitadoras da contaminação pelo HIV. A precocidade das relações sexuais, a variabilidade de parceiros, o não-uso de preservativos e métodos de prevenção e o uso de drogas ilícitas são apontados como fatores de risco para as DSTs, aos quais se soma a falta de informação. Paralelamente, um aumento no consumo de drogas vem ocorrendo. O presente trabalho tem como objetivo avaliar o nível de informação e conhecimento dos jovens do Ensino Médio de quatro colégios da rede pública do município de Candói - Pr - a respeito de DSTs, drogas de abuso e métodos preventivos. Os altos índices de gravidez precoce não planejada, a ocorrência de DSTs e aids e o uso de drogas são justificativas para este estudo. Aplicou-se um questionário de questões fechadas aos sujeitos da pesquisa, para avaliar o nível de conhecimento destes jovens sobre os temas em questão. Fez-se a análise estatística dos resultados. Dos avaliados, 52% (236) são do sexo feminino e 48% (218) do sexo masculino, com média de idade entre 16 e 17 anos. Quanto às informações recebidas, 14% (65) afirmam tê-las recebido dos pais; 73% (333); pela escola, através de seus professores; 8% (31) através do poder público; e 5% (21) receberam informações dos amigos; 93% (422) afirmam conhecer o que são essas doenças e 88% (398) conhecem algum tipo delas. De todos os entrevistados, 94% (425) afirmam ter recebido informações sobre a transmissão e prevenção das doenças. Quanto ao nível de informação, 65% (297) consideram-se bem-informados, mas 51% (230) dos entrevistados afirmam que as doenças são somente transmissíveis pelo ato sexual. Quanto ao uso de drogas lícitas, 4% (20) fazem uso freqüente de tabaco e 12% (55) ingerem bebidas alcoólicas com freqüência. Quanto ao uso de drogas ilícitas, 7% (31) usam, uma ou mais delas, e entre as mais citadas estão a maconha, a cocaína e solventes. Quanto à iniciação sexual, foi verificado que 53% (239) dos entrevistados já tiveram relações sexuais e a média de idade da primeira relação sexual ficou entre 14 e 15 anos. Entre a população de jovens entrevistados que são sexualmente ativos, 68% (163) utilizaram preservativos em todas as relações; 10% (24) nunca os usaram e 22% (52) o fizeram raramente. Verificou-se também que 34% (80) trocam de parceiro com freqüência; quanto ao uso de anticoncepcionais, 17% (41) das meninas o praticam ou já praticaram, sendo que 6% (12) ficaram grávidas precocemente, com idade entre 12 e 16 anos, e quatro relataram a prática do aborto. Verificou-se também que apenas um pequeno número de meninas consultou um ginecologista (43, ou 18%), e 5% (13) já fizeram algum tipo de exame preventivo. 10% (24) das meninas já apresentaram sintomas como corrimento vaginal intenso e/ou mau cheiro, e destas, 54% (13) procuraram tratamento no posto de saúde e farmácias, enquanto as demais não procuraram tratamento. Como evidenciado neste estudo, o conhecimento sobre os meios de transmissão das DSTs e os métodos contraceptivos não é suficiente para total proteção. Os adolescentes precisam aprender a identificar uma situação de risco, compreender sua vulnerabilidade, conhecer as alternativas que eles possuem para se proteger e decidir qual a melhor para cada situação, diante da conscientização do risco e dimensionamento das conseqüências posteriores. São necessárias ações preventivas através de programas de saúde nos municípios, no estado e até em nível nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças sexualmente transmissíveis; drogas de abuso; prevenção.

¹ Acadêmico do Curso de Farmácia do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR

² Orientadoras e Docentes do Curso de Farmácia do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR





KNOWLEDGE ABOUT STDs, PREVENTION METHODS AND ABUSE DRUGS BY STUDENTS IN THE STATE HIGH SCHOOLS IN THE CITY OF CANDOI – PR

ABSTRACT: Sexually transmitted diseases (STDs) are prevalent in adolescence and they are facilitators for the contamination by HIV. Early sexual intercourses, change of partners, the non use of condoms and contraceptives methods as well as the use of illegal drugs are pointed as risk factors for STDs, allied to the lack of information. At the same time, an increase in the use of drugs is taking place. The present work has the objective to assess the level of information and knowledge that young people in four state high schools in the city of Candoi-PR have about STDs, drugs and contraceptive methods. The high levels of early, non-planned pregnancy and the presence of STDs and AIDS and the use of drugs are the reasons for this study. A questionnaire with closed questions was applied to the subjects of this research to assess the level of knowledge of these young people about the themes in question. The results were statistically analyzed. 52% (236) were female, and 48% (218) were male, with average age between 16 and 17 years. In relation to the information received, 14% (65) said that they had received information from their parents; 73% (333) from the school by their teachers; 8% (31) by the state and 5% (21) from friends; 93% said they knew what STDs were and 88% (398) knew some of them. Among all interviewed, 94% (425) said that they had received information about the transmission and prevention of diseases. In relation to the level of information, 65% (297) consider themselves well informed, but 51% (230) said that the diseases are only transmitted by sexual intercourse. In relation to legal drugs, 4% (20) used tobacco frequently and 12% (55) took alcoholic beverages frequently. In relation to the use of illegal drugs, 7% (31) made use of some kind of drug, being cannabis, cocaine and solvents, the ones most mentioned. In relation to their sexual initiation, 53% (239) had already had sexual relationships, and the average age for the first relation was between 14 and 15 years. Among those who are sexually active, 68% (163) used condoms in all relations; 10% (24) never used and 22% (52) hardly ever. It was also observed that 34% (80) changed partners frequently. As for the use of contraceptives, 17% (41) of girls had already used or still used, and 6% (12) got pregnant with ages between 12 and 16 years, and four mentioned the practice of abortion. Just a small number of girls had consulted with a gynecologist, 18% (43) and 5% (13) had already done some kind of preventive examination, where 10% (24) had already presented symptoms such as intense vaginal running and/or foul smell, from which 54% (13) sought treatment in the health centers and pharmacies, whereas the others did not seek help. As it has been shown in this study, the knowledge about STDs transmission means and contraceptive methods is insufficient to help in the protection; the adolescents need to learn to identify a risky situation, understand their vulnerability, know the alternatives they have to protect themselves, and decide which alternative is better for each situation, by being aware of the risk and by being capable to understand the later consequences. Preventive actions through health programs at city, state and national levels are necessary.

KEYWORDS: Sexually Transmitted Diseases; Abuse Drugs; Prevention.

1. INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade do século XX, a incidência das DSTs aumentou de forma dramática em todo o mundo, e nos últimos 25 anos novas doenças foram identificadas. As DSTs estão entre as mais importantes doenças infecciosas, em virtude do prejuízo físico, psicológico e econômico que causam à humanidade. As populações de adolescentes e as minoritárias vêm sendo desproporcionalmente afetadas. Em 1996 ocorreram mais de 14 milhões de casos, incluindo HIV, dos quais 63% em indivíduos com menos de 24 anos de idade (SCHAECHTER *et al.*, 2002).

A incidência das DSTs vem aumentando e pode ter como conseqüências imediatas uretrites e salpingites, e a longo prazo,

infertilidade, gravidez ectópica ou câncer de colo uterino. É sabido que a presença de uma DST aumenta a chance de contaminação pelo HIV (Ministério da Saúde, 2004). Segundo a Organização Mundial de Saúde, ocorrem no Brasil cerca de 12 milhões de DSTs ao ano. Como a notificação dos casos não é compulsória e como cerca de 70% das pessoas com alguma DST buscam tratamento em farmácias, o número de casos notificados fica muito abaixo da estimativa da OMS, cerca de 200 mil casos/ano (Ministério da Saúde, 2004).

No Brasil não há informações sobre a prevalência de DSTs entre adolescentes, e o número de casos notificados está bem abaixo das estimativas. Nos EUA, alguns autores inferem que a prevalência de DSTs entre adolescentes deve situar-se em torno



de 25% e a faixa etária de 15 a 24 anos é a de maior risco (TAQUETTE *et al.*, 2004).

Com relação à sífilis congênita, 24.448 casos foram notificados no período de 1998 a 2004, correspondendo a uma taxa média de 1,2 caso em cada 1.000 nascidos vivos por ano. Do total de casos notificados, em mais de 70% o diagnóstico foi feito em crianças com menos de sete dias de vida, com 36 semanas ou mais de gestação, ao nascer e com peso acima de 2.500 gramas. Estavam assintomáticos ao nascer 65% dos casos (MINISTÉRIO..., 2004).

Quanto às características maternas, 53% tinham idade entre 20 e 29 anos e 18% abaixo de 20 anos. 74% das gestantes que tiveram crianças com sífilis tiveram acesso ao serviço de pré-natal. Das gestantes que fizeram o pré-natal, 52% tiveram o diagnóstico de sífilis feito durante a gravidez e 48% dos parceiros não foram tratados contra sífilis. Um total de 962 óbitos já foi registrado em todo o país de 1996 a 2003, com a taxa de 5,2 óbitos por 100 mil nascidos vivos em 2003 (MINISTÉRIO..., 2004).

Adolescência é um conceito moderno, significando o período de vida que se inicia na puberdade e acaba quando o jovem entra na idade adulta (maturidade social e/ou independência econômica). É durante essa fase que o indivíduo se desenvolve física, emocional e sexualmente, adotando comportamentos influenciado pelo meio onde vive (MIRANDA *et al.*, 2005).

O aumento do número de publicações estudando as relações entre o uso de substâncias psicoativas e DSTs revela crescente preocupação dos pesquisadores da área de saúde de todo o mundo. Estas questões atingem uma camada importante da população, a dos adolescentes, podendo interferir no desenvolvimento desses indivíduos, que no futuro constituirão a população adulta e produtiva da sociedade. Os vários estudos têm levantado algumas hipóteses de associação entre drogas e DSTs, mas suas comprovações ficam limitadas à comparação de resultados obtidos com amostras diferentes, coletadas em diferentes culturas, que, por sua vez, influenciam os padrões de comportamento, especialmente o sexual (SCIVOLETTO *et al.*, 1999).

Para facilitar os estudos dirigidos à adolescência, a definição proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é baseada apenas na faixa etária, estabelecendo que a idade de adolescente está entre 10 e 19 anos. Segundo o *Estatuto da Criança e do Adolescente*, uma lei brasileira que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, adolescente é toda pessoa com idade entre 12 e 18 anos (MIRANDA *et al.*, 2005).

A geração atual de jovens é a mais educada e a mais urbana da história. Todavia, ao mesmo tempo em que a urbanização tem aumentado, bem como o acesso à educação e aos serviços de saúde, os adolescentes estão mais expostos aos riscos do uso de drogas lícitas e ilícitas, à violência e às infecções de transmissão sexual, incluindo o HIV/aids e gravidez precoce (MIRANDA *et al.*, 2005).

Estima-se, atualmente, de acordo com a OMS, que cerca de 50% das novas infecções pelo HIV no mundo estão ocorrendo na adolescência. Conforme o *Boletim Epidemiológico* do Ministério da Saúde (2001), em torno de 70% dos casos de aids ocorrem na faixa de 20 a 39 anos. Se considerarmos o período em que o

portador da enfermidade pode ficar assintomático, em média de 10 a 15 anos, observa-se que a maioria dos casos de infecção de aids deu-se na fase da adolescência. Além disso, vários estudos mostram que, apesar do elevado índice de conhecimento sobre as formas de transmissão, ainda são poucos os jovens que afirmam usar camisinha em todas as relações sexuais.

Pesquisa sobre comportamento sexual da população brasileira (Ministério da Saúde, 1999) revela que, do total de indivíduos sexualmente ativos pesquisados, 76% não usam camisinha, sendo que os jovens de 16 a 25 anos são os maiores usuários (44%). Além disso, do conjunto daqueles que possuem uma relação estável e outra(s) eventual(is), 33% não utilizam o preservativo na relação estável, mas apenas na eventual, e 31% não o utilizam em nenhum dos dois tipos de relação sexual.

O adolescente é mais propenso a dispensar o preservativo, porque não tem acesso a ele ou não é capaz de convencer o parceiro/parceira da necessidade do seu uso, entre outras causas. Na presença de uma DST, o risco de transmissão do HIV é de três a cinco vezes maior (Ministério da Saúde, 2001).

A propagação de muitas DSTs está atualmente fora de controle, embora muitas dessas doenças possam ser evitadas com procedimentos simples. Elas ainda afetam milhões de pessoas a cada ano. Várias bactérias, vírus, leveduras e protozoários patogênicos que causam estas doenças podem ser transmitidos diretamente de um indivíduo infectado para um normal, pelo contato sexual ou ainda por seringas e agulhas contaminadas e por transfusões de sangue. Algumas DSTs podem causar leves sintomas, enquanto outras podem levar à esterilidade ou à morte (TAQUETTE *et al.*, 2004).

As DSTs predominantes são infecções por clamídias, gonorréia, herpes genital, verrugas, tricomoniase, AIDS, cancroide, sífilis, linfogranuloma venéreo, candidíase e vaginose bacteriana. A aids é atualmente reconhecida como pandêmica, ou seja, uma doença epidêmica de proporção global. Devido ao alto nível de fatalidade e potencial para uma rápida propagação, esta doença representa uma ameaça às populações do mundo todo (SCHAECHTER *et al.*, 2002).

No que se refere à saúde do adolescente, atualmente uma das maiores preocupações está relacionada à sexualidade, como iniciação sexual precoce, que favorece o contato com DSTs/ HIV e predispõe a uma gravidez indesejada. Entre jovens do sexo feminino de 15 a 19 anos, as complicações relacionadas à gravidez, ao parto e aos abortos em condições de risco são a principal causa de morte em muitas partes do mundo (MIRANDA *et al.*, 2005).

Atualmente, grande parte das adolescentes torna-se sexualmente ativa antes dos 20 anos. Essa decisão nem sempre é acompanhada de informações adequadas e suficientes. Poucas sabem antes da primeira relação sexual o que é planejamento familiar ou métodos contraceptivos. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, a capacidade reprodutiva tem iniciado mais cedo, com uma maior exposição à gravidez na adolescência (MIRANDA *et al.*, 2005).

Outro importante fato revelado pela pesquisa, que evidencia a vulnerabilidade do jovem às DSTs/aids, é que 28% dos jovens

sexualmente ativos declararam fazer uso de álcool antes das relações sexuais, 18% deles habitualmente (MIRANDA *et al.*, 2005). Após o advento da infecção pelo HIV, o controle das DSTs começou a ser considerado prioritário.

Paralelo ao aumento das DSTs, verifica-se também o aumento no consumo de drogas lícitas e ilícitas. As drogas são agentes naturais ou químicos que afetam as funções e estruturas do corpo dos seres vivos. Mudam a maneira de atuar, pensar ou sentir daqueles que as consomem. São consideradas drogas todas aquelas substâncias que modificam o comportamento do indivíduo. As drogas lícitas são aquelas que são receitadas pelos médicos para ajudar o paciente num dado momento de crise ou dificuldades emocionais, como, por exemplo, no caso da depressão e da ansiedade. Essas drogas, em geral, têm sua venda controlada. Drogas ilícitas são aquelas que têm não só a fabricação, como também a distribuição e o uso proibidos por leis (QUILICI, 2004).

Um levantamento feito por pesquisadores da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) entre alunos de escolas brasileiras indicou que uma média de 3% deles faz uso de drogas ilícitas, diariamente ou em finais de semana. Quase 5% declaram que já experimentaram e não usam mais drogas.

Os tipos de drogas ilícitas mais utilizados pelos entrevistados são a maconha (2% dos alunos) e cocaína (0,6%). O consumo de álcool entre os alunos é cinco vezes maior do que o consumo de tabaco. Cerca de 2,5 milhões de alunos consomem ou já consumiram bebidas alcoólicas. Cerca de 10% do universo total de alunos declaram que bebem regularmente. A proporção dos que fumam diariamente é de cerca de 3% (REDAÇÃO TERRA, 2004).

Ferigolo *et al.* (2004) realizaram uma pesquisa avaliando a prevalência do uso de drogas entre crianças e adolescentes pertencentes à Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre. Os resultados foram obtidos a partir de 382 indivíduos. As substâncias mais experimentadas foram: álcool (81,3%), tabaco (76,8%), maconha (69,2%), cocaína (54,6%), solventes (49,2%), ansiolíticos (13,4%), alucinógenos (8,4%), anorexígenos (6,5%) e barbitúricos (2,4%). As meninas usaram principalmente medicamentos e os meninos, drogas ilícitas, álcool e tabaco.

O objetivo do presente trabalho foi avaliar o nível de conhecimento dos jovens sobre DSTs, drogas e prevenção através de um questionário aplicado a estudantes das escolas públicas no município de Candói - Pr - e realizar análise estatística dos dados obtidos no questionário, medindo a prevalência dos sintomas das DSTs e seus fatores de risco nessa população; e ainda fazer um estudo comparativo entre os colégios pesquisados, através dos resultados obtidos pelo questionário.

2. METODOLOGIA

O presente projeto foi desenvolvido mediante aplicação de um questionário anônimo contendo questões (em anexo) fechadas para todos os alunos de quatro colégios do Ensino Médio da rede pública do município de Candói - Pr - para avaliar o nível de conheci-

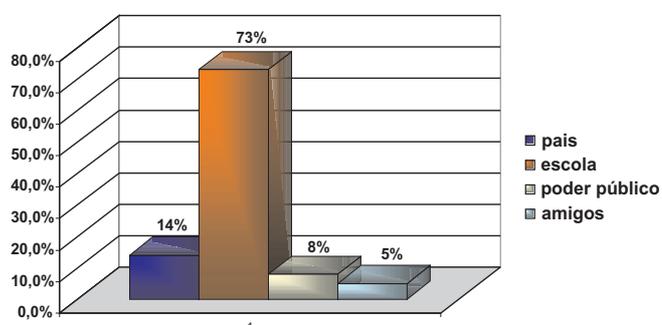
mento destes jovens sobre DSTs, métodos preventivos e drogas de abuso. Após a aplicação do questionário foi realizada a análise estatística dos resultados.

O questionário foi aplicado em sala de aula, onde os alunos receberam todas as explicações sobre a forma como os dados seriam tratados, os objetivos e as demais informações pertinentes, e esclarecimento de dúvidas, quando necessário. O questionário utilizado continha questões relativas a dados sociodemográficos (sexo e idade); dados clínicos (sintomas de DSTs, contracepção, gravidez e abortos); sexuais (início de relação sexual); sobre comportamentos de risco (uso de preservativos, número de parceiros sexuais, uso de drogas lícitas e ilícitas) para infecção pelo HIV e outras DSTs, conhecimentos sobre a transmissão e prevenção das DSTs bem como contracepção e exames de prevenção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos avaliados, 52% (236) são do sexo feminino e 48% (218) do sexo masculino, com média de idade entre 16 e 17 anos, estudantes de escolas públicas e residentes no município de Candói - Pr - os quais afirmam ter recebido informações sobre métodos de prevenção e transmissão das DSTs, como pode ser observado na Figura 1.

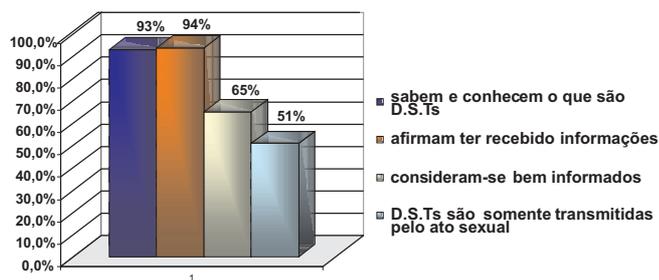
Figura 1: Origem das informações obtidas sobre DSTs:



Dos avaliados, 14% (65) afirmam ter recebido informação dos pais; 73% (333), pela escola, através de seus professores; 8% (31) através do poder público; e 5% (21) receberam informações dos amigos. Os dados obtidos na análise do questionário reforçam a afirmação dos jovens quanto à dificuldade de se abordarem assuntos relacionados à sexualidade como transmissão de DSTs, tratamento e prevenção.

Com relação ao conhecimento sobre DSTs, pode-se observar na figura 2 que 93% (422) afirmam saber o que são essas doenças e 88% (398) conhecem algum tipo delas. Entre as mais citadas encontram-se a gonorréia, a sífilis, a hepatite B e aids. De todos os entrevistados, 94% (425) afirmam ter recebido informações sobre a transmissão e prevenção das doenças. Quanto ao nível de informação, 65% (297) consideram-se bem-informados, mas 51% (230) dos entrevistados afirmam que as doenças são somente transmitidas pelo ato sexual.

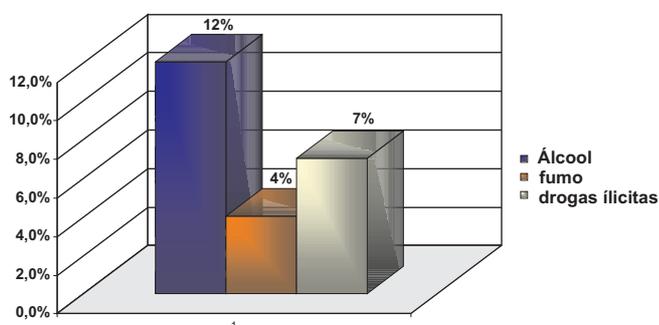
Figura 2: Quanto ao nível de informação das DSTs:



Os resultados demonstram ainda que, apesar de afirmarem saber o que são DSTs, conhecerem pelo menos três tipos dessas doenças, garantirem ter recebido informações sobre formas de transmissão e prevenção, em uma das alternativas os estudantes responderam que as doenças são somente transmitidas pelo ato sexual, o que demonstra conhecimento parcial a respeito das formas de transmissão. Isso indica que as informações fornecidas pelos pais, educadores e órgãos públicos devem ser verdadeiras e completas, abordando todas as possíveis formas de transmissão dessas doenças.

A figura 3 se refere ao uso de drogas, mostrando que, dentre as lícitas, 4% (20) fazem uso freqüente de tabaco e 12% (55) ingerem bebidas alcoólicas com freqüência. Quanto ao uso de drogas ilícitas, 7% (31) as consomem, e entre as mais citadas estão a maconha, a cocaína e solventes.

Figura 3: Quanto ao uso de álcool, fumo e drogas ilícitas:



As principais variáveis associadas às DSTs neste estudo foram o uso não freqüente do preservativo e o uso de drogas lícitas e ilícitas. Quando comparado o comportamento sexual de usuários e com o de não-usuários de drogas, os usuários de drogas lícitas e ilícitas apresentaram maior incidência de comportamentos sexuais de risco para DSTs.

Uma pesquisa realizada em Porto Alegre - RS por Ferigolo *et al.* (2004), avaliou a prevalência do uso de drogas entre crianças e adolescentes pertencentes à Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, e constatou que as substâncias mais experimentadas foram: álcool (81,3%), tabaco (76,8%), maconha (69,2%), cocaína (54,6%), solventes (49,2%), ansiolíticos (13,4%), alucinógenos (8,4%), anorexígenos (6,5%) e barbitúricos (2,4%). As meninas usaram principalmente medicamentos, e os meninos, drogas lícitas, sendo o álcool eo tabaco as mais utilizadas.

De acordo com um levantamento feito por pesquisadores da

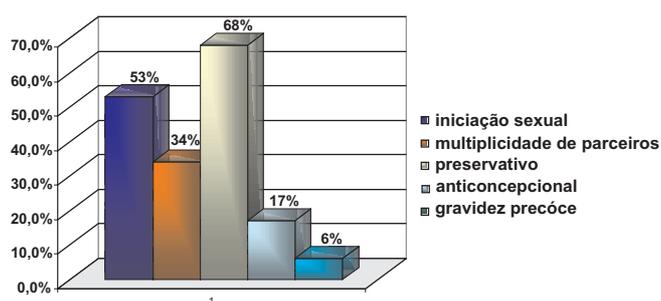
Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (Unesco) entre alunos de escolas brasileiras, uma média de 3% faz uso de drogas ilícitas diariamente ou em finais de semana. Quase 5% declararam já ter experimentado e não usar mais drogas. Os tipos de drogas ilícitas mais utilizados pelos entrevistados são a maconha (2%) e cocaína (0,6%). O consumo de álcool entre os alunos é cinco vezes maior do que o consumo de tabaco.

Cerca de 2,5 milhões de alunos consomem ou já consumiram bebidas alcoólicas. Cerca de 10% do universo total de alunos declararam que bebem regularmente. A proporção dos que fumam diariamente é de cerca de 3%, o que também se confirma nesta amostra de estudantes, em que drogas lícitas e ilícitas como álcool, tabaco, maconha, cocaína e solventes foram as mais citadas entre as usadas pelos estudantes. Esse consumo estava associado com comportamentos sexuais de risco, como início precoce de atividade sexual e o não-uso de preservativos.

Verificou-se também que, quanto mais freqüente é o uso de álcool e o consumo de drogas ilícitas (maconha e cocaína, principalmente), menor é a idade de início da atividade sexual, reforçando as diferenças no comportamento sexual de usuários de drogas e não-usuários. Entre os usuários de drogas lícitas e ilícitas, o número de estudantes que já tiveram relações sexuais e início de atividade sexual precoce com menor freqüência no uso de preservativos é maior em comparação com os não-usuários.

Foi observado que o consumo de álcool estimula a atividade sexual, uma vez que logo após o uso do álcool a impressão dos adolescentes é que a "paquera" fica mais fácil, a libido é maior e o desempenho na relação sexual melhora. Assim, o álcool, juntamente com a maconha, teria um efeito desinibitório, o que facilitaria a relação sexual e, ao mesmo tempo, diminuiria o uso de preservativos.

Figura 4: Quanto à iniciação sexual, multiplicidade de parceiros, uso de métodos contraceptivos e gravidez precoce:



Quanto à iniciação sexual, foi verificado que 53% (239) dos entrevistados já tiveram relações sexuais e que a média de idade da primeira relação sexual ficou entre 14 e 15 anos. Entre a população de jovens entrevistados que são sexualmente ativos, 68% (163) utilizaram preservativos em todas as relações; 10% (24) nunca os usaram e 22% (52) o fizeram raramente. O uso de preservativos foi abordado como usá-los *em todas as relações, nunca e raramente*, tendo sido consideradas como de não-uso as respostas afirmativas de usar "nunca" e "raramente".

Verificou-se também que 34% (80) trocam de parceiro com freqüência, de modo que muitos nem se lembram do número exato

de parceiros com os quais mantiveram relações sexuais. Quanto ao uso de anticoncepcionais, 17% (41) das meninas fazem ou já fizeram uso, sendo que 6% (12) ficaram grávidas precocemente, com idade entre 12 a 16 anos, e quatro relataram a prática do aborto.

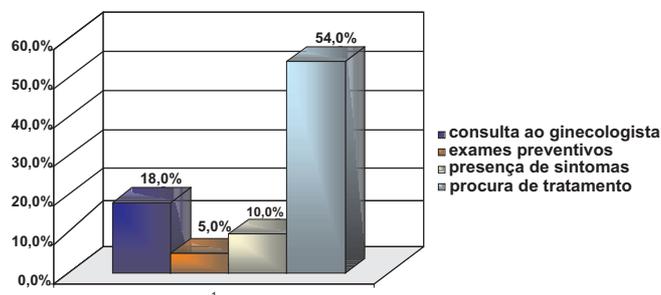
A análise dos temas iniciação sexual, uso de métodos contraceptivos (preservativos e anticoncepcionais), bem como a frequência com que mudam de parceiro, revela que, do total de indivíduos sexualmente ativos pesquisados no Brasil, 76% não usam o preservativo, sendo este muito pouco utilizado principalmente entre a população jovem (MINISTÉRIO..., 1999).

Segundo dados do Ministério da Saúde, os mais baixos índices de uso (em torno de 0,2 a 1,4%) se encontram na faixa etária de 15 a 19 anos, e segundo a *Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde* (PNDS) realizada em 1996, 18,0% das adolescentes já haviam engravidado pelo menos uma vez. Outro importante fato revelado que evidencia a vulnerabilidade do jovem em relação às DST/aids é que 28% dos jovens sexualmente ativos declararam fazer uso de álcool antes das relações sexuais, 18% deles, habitualmente (MINISTÉRIO..., 1999).

Nesse estudo foi verificado que a iniciação sexual precoce, a multiplicidade de parceiros e o não-uso de preservativos se tornam comportamentos de risco, já que o uso de preservativos em todas as relações está associado a parceiros fixos. Uma pequena porcentagem de meninas faz ou já fez uso de anticoncepcionais, verificando-se que algumas adolescentes ficaram grávidas precocemente.

Verificou-se também, como mostra a Figura 5, que apenas 18% (43) das meninas consultaram um ginecologista e 5% (13) já fizeram algum tipo de exame preventivo. Entre os citados estão os exames preventivos de câncer do colo do útero e câncer de mama. Verificou-se também que 10% (24) das meninas já apresentaram sintomas como corrimento vaginal intenso e/ou mau cheiro, das quais 54%(13) procuraram tratamento no posto de saúde e farmácias, ao passo que as demais não procuraram tratamento.

Figura 5: Porcentagem de meninas que realizaram consultas em ginecologista e exames preventivos e procuraram tratamento para os sintomas



Verificou-se que os estudantes dos colégios da região urbana apresentam um nível maior de informação sobre formas de transmissão, prevenção e tratamento das DSTs, pelo fato de terem mais acesso às informações e aos meios de comunicação; mas, por outro lado, esses estudantes têm maior acesso também a bares e salões noturnos e possuem mais comportamentos de risco - como o não-uso de preservativos, a multiplicidade de parceiros e o uso

de drogas - do que os que moram nas localidades do interior. Igualmente, entre os primeiros é notável uma maior liberação sexual e o uso de drogas lícitas e ilícitas, mesmo com a ilegalidade da venda de bebidas alcoólicas e cigarros para menores de idade prevista na constituição brasileira.

Dessa forma, com o grande número de indivíduos sexualmente ativos que aderem à multiplicidade de parceiros - de tal forma que alguns relatam não se lembrar do número de parceiros com os quais mantiveram relações sexuais - e com a não-adoção de métodos contraceptivos e o uso de drogas lícitas e/ou ilícitas, percebe-se maior vulnerabilidade à transmissão de DSTs/aids e gravidez precoce.

Os adolescentes em geral sabem da importância do uso de preservativos, mas mesmo assim não os usam. Torna-se então necessário intensificar as campanhas conjuntas voltadas à prevenção, nas quais se faz importante mostrar e esclarecer aos adolescentes que os problemas associados às DSTs e ao uso de drogas lícitas e ilícitas estão mais próximos do que eles imaginam, com enfoque especial para os meninos, que no presente estudo apresentaram maior comportamento sexual de risco.

CONCLUSÃO

Os resultados mostram a importância da implementação de programas educacionais direcionados aos adolescentes com questões específicas relacionadas a esse grupo populacional, em relação ao comportamento sexual de risco e ao uso de drogas. Alguns pais e educadores ainda expressam sua preocupação sobre a possibilidade de informações relacionadas ao tema estimularem ainda mais a prática entre os adolescentes. Entretanto, um estudo realizado pelo Programa das Nações Unidas sobre HIV/aids mostrou que as atividades educativas sobre saúde sexual promovem condutas sexuais mais saudáveis sem aumentar o índice de atividade sexual, além de protegerem contra as DSTs. É necessário estabelecer estratégias conjuntas, com a participação da família, dos educadores e dos profissionais de saúde para a obtenção de maior êxito no que diz respeito à prevenção.

Os adolescentes em geral sabem que o preservativo evita doenças e gravidez, mas mesmo assim não o usam, e apontam numerosas justificativas para esse fato: esquecimento, custos e desprazer na relação sexual. Não se deve somente pregar o uso contínuo de preservativos, mas também outras medidas de redução do risco igualmente importantes, como orientações sobre o início da vida sexual, fidelidade mútua, redução do número de parceiros e abandono de práticas sexuais de risco.

Como evidenciado neste estudo, o conhecimento sobre os meios de transmissão das DSTs e dos métodos contraceptivos não é suficiente para a total proteção; os adolescentes precisam aprender a identificar uma situação de risco, compreender sua vulnerabilidade, conhecer as alternativas que eles possuem para se proteger e decidir qual alternativa é melhor para cada situação, diante da conscientização do risco e dimensionamento das conseqüências posteriores.

REFERÊNCIAS

FERIGOLO, M. et al. Prevalência do consumo de drogas na FEBEM. **Rev. bras. Psiquiatr**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 10-16, mar. 2004.

JEOLAS, Leila Sollberger; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 8, n.2, p.611-620, 2003.

MIRANDA, Angélica Espinosa, GADELHA, Angela Maria Jourdan; SZWARCOWALD, Célia Landmann. Padrão de comportamento relacionado às práticas sexuais e ao uso de drogas de adolescentes do sexo feminino residentes em Vitória, Espírito Santo, Brasil, 2002. **Cad. Saúde Pública**, v. 21, n.1, p.207-216, jan./fev. 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – PN DST/AIDS 1999. Projeto Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepção sobre HIV e Aids. Brasília.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Dados e Pesquisas em DST e Aids. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em: 23 mar. 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – Projeto Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepção sobre HIV e Aids. Brasília, PN DST/AIDS 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Epidemiológico/Aids**. fev. / mar., 2001.

QUILICI, M., **Os tipos de drogas ilegais e legais, Coordenação Nacional de DST e Aids**, Fev. 2004, Seção Drogas n. 11. Disponível em: <<http://www.caliente.com.br/caliente/noticias/index.shtml?noticia19>>.

REDAÇÃO TERRA. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,O168057-EI994,00.html>>.

SCHAECHTER, M.; ENGHEBERG, C. N.; EISENSTEIN, I. B. **Microbiologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2002.

SCIVOLETTO, Sandra *et al.* **Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de 2o grau de São Paulo**. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, v. 21, n. 2, p. 87-94. abr./jun. 1999.

TAQUETTE, Stella R.; VILHENA, Marília Mello de; PAULA, Mariana Campos de. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, v. 37, n. 3, p. 210-214, maio/jun. 2004.